

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Etec Doutora Ruth Cardoso

Técnico em Enfermagem

A PERCEPÇÃO DO TÉCNICO EM ENFERMAGEM NO USO TERAPÊUTICO DO CANABIDIOL

Grace Cristina Rodrigues *

Janaina Pereira de Moraes *

Lohanny Cristina Francisco de Siqueira Souza**

Stefanny Ferreira da Silva ***

Thatiane dos Santos Moraes ****

Orientadora: Michelle Wenter

2º Semestre/2025

São Vicente

* Aluna do curso Técnico em Enfermagem, na Etec Dra. Ruth Cardoso -
grace.rodrigues@etec.sp.gov.br

** Aluna do curso Técnico em Enfermagem, na Etec Dra. Ruth Cardoso -
janaina.morais@etec.sp.gov.br

*** Aluno do curso Técnico em Enfermagem, na Etec Dra. Ruth Cardoso -
Lohanny.souza@etec.sp.gov.br

**** Aluna do curso Técnico em Enfermagem, na Etec Dra. Ruth Cardoso –
Stefanny.silva18@etec.sp.gov.br

**** Aluna do curso Técnico em Enfermagem, na Etec Dra. Ruth Cardoso -
Thatiane.moraes01@etec.sp.gov.br

Resumo: O uso terapêutico do canabidiol (CBD) tem crescido no cenário da saúde, impulsionado por avanços científicos e regulamentações mais flexíveis da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Dentro desse contexto, o técnico de enfermagem exerce papel essencial no cuidado direto ao paciente, acompanhando a administração, observando reações adversas e promovendo adesão ao tratamento. Este estudo tem como objetivo analisar a contribuição do técnico de enfermagem no uso terapêutico do canabidiol, destacando suas práticas, responsabilidades e desafios enfrentados. A pesquisa evidencia a importância da capacitação desses profissionais e aponta lacunas na formação e nos protocolos assistenciais que ainda limitam a atuação segura e eficaz na administração do canabidiol.

Palavras-chave: Canabidiol; Técnico de Enfermagem; Uso Terapêutico; Assistência em Saúde; Cuidados de Enfermagem.

1. INTRODUÇÃO

O uso do canabidiol (CBD) como recurso terapêutico vem ganhando crescente visibilidade no cenário da saúde, impulsionado por avanços científicos e mudanças regulatórias que ampliam seu uso clínico em diversas condições. Entre os contextos de maior relevância, destacam-se os cuidados paliativos, nos quais o foco está voltado para o alívio de sintomas, a redução do sofrimento e a promoção da qualidade de vida de pacientes com doenças crônicas e/ou em estágios avançados. Nesse contexto, o técnico de enfermagem exerce papel fundamental, uma vez que está diretamente envolvido na execução do cuidado, no acompanhamento da resposta terapêutica e na identificação de reações adversas, contribuindo para a eficácia e segurança do tratamento.

Apesar da crescente utilização do canabidiol, observa-se uma escassez de estudos voltados especificamente para a atuação do técnico de enfermagem nesse processo, uma vez que a maioria das pesquisas se concentra nos aspectos médicos e farmacológicos (SOUZA; PEREIRA, 2021).

Compreender suas responsabilidades, desafios éticos e percepções é essencial para consolidar protocolos assistenciais adequados, fortalecer a prática baseada em evidências e garantir uma assistência humanizada.

Mesmo com o avanço científico e legal que respalda o uso terapêutico do canabidiol, ainda existem desafios que dificultam a inserção efetiva desse tratamento na prática cotidiana da

enfermagem. A ausência de protocolos específicos, a falta de capacitação técnica sobre o manejo seguro do CBD e as divergências éticas quanto ao seu uso configuram barreiras significativas. Assim, questiona-se: de que maneira o técnico de enfermagem pode contribuir de forma efetiva e segura para a assistência de pacientes em cuidados paliativos que utilizam o canabidiol, considerando as lacunas existentes em termos de formação, regulamentação e práticas institucionais?

2. OBJETIVO

Analizar a percepção do técnico de enfermagem sobre o uso terapêutico do canabidiol, compreendendo suas práticas, responsabilidades e dificuldades na assistência, bem como avaliando a importância atribuída por esses profissionais à sua atuação nesse contexto clínico.

3. REVISÃO DE LITERATURA

O canabidiol (CBD) é uma substância derivada da Cannabis sativa que vem sendo amplamente estudada por seus efeitos terapêuticos em condições como epilepsia refratária, dores crônicas, ansiedade e distúrbios neurológicos (FONSECA; LIMA, 2021). No Brasil, o uso medicinal da substância passou a ser regulamentado de forma mais clara pela Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) nº 327/2019 da ANVISA, que estabeleceu regras para fabricação, importação e prescrição de produtos à base de cannabinoides (BRASIL, 2019).

A atuação da equipe de enfermagem nesse contexto é indispensável, pois o cuidado com o paciente em tratamento com CBD exige atenção contínua, observação rigorosa de respostas clínicas e registro de eventuais efeitos adversos. O técnico de enfermagem, por estar em contato direto com o paciente, é responsável pela execução de cuidados básicos, administração de medicamentos e monitoramento do estado geral, funções que exigem preparo técnico e conhecimento sobre as substâncias utilizadas (SILVA; OLIVEIRA, 2022).

4. METODOLOGIA

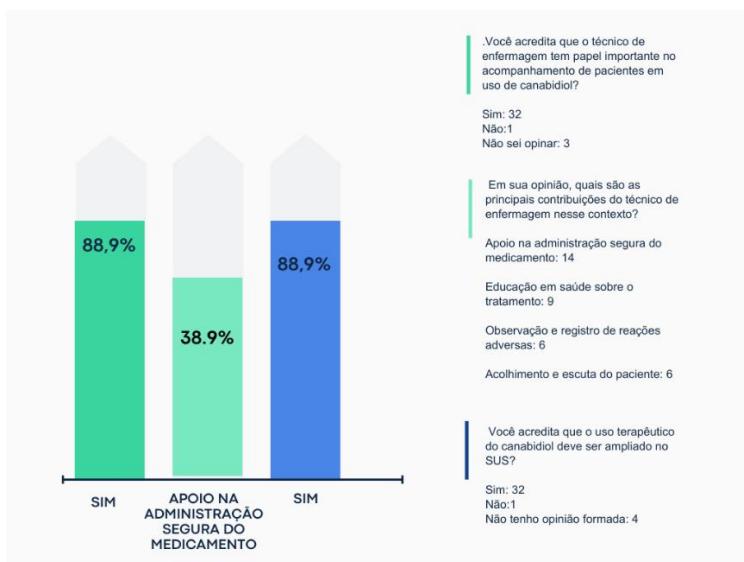
Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de revisão bibliográfica descritiva e qualitativa, fundamentada em artigos científicos, resoluções e documentos oficiais publicados entre os anos de 2019 e 2024. Foram consultadas bases de dados como SciELO, Google Acadêmico e PubMed, utilizando os descritores “canabidiol”, “técnico de enfermagem” e “uso terapêutico”. A análise dos textos buscou identificar as principais atribuições, desafios e perspectivas relacionados à atuação do técnico de enfermagem no contexto do uso do canabidiol em ambiente clínico e paliativo.

5. Resultados e Discussão

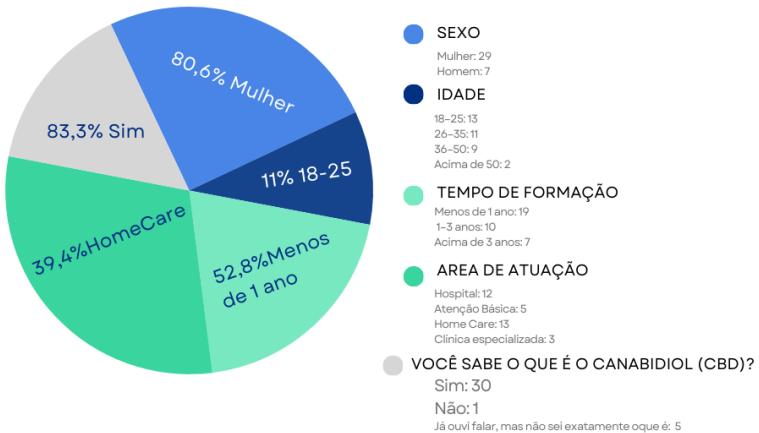
A análise dos dados mostra que os técnicos de enfermagem reconhecem sua importância no cuidado a pacientes em uso terapêutico de canabidiol (CBD): 88,9% consideram que sua atuação é fundamental, especialmente na administração segura do medicamento (38,9%), educação em

saúde (25%), registro de reações adversas (16,7%) e acolhimento ao paciente (16,7%). Isso evidencia que seu papel vai além do ato técnico, abrangendo monitorização clínica e comunicação terapêutica.

Grande parte dos respondentes tem menos de um ano de formação (52,8%) e atua principalmente no Home CARE (39,4%), indicando interesse pela temática também entre profissionais iniciais e maior contato com terapias crônicas e inovadoras. Além disso, 88,9% defendem a ampliação do uso do CBD no SUS, reforçando a necessidade de acesso público a terapias com cannabis medicinal. Conclui-se que há reconhecimento do papel da enfermagem nesse cuidado, além da demanda por formação continuada, protocolos específicos e políticas públicas que assegurem um tratamento seguro e baseado em evidências.



GRÁFICOS



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização do canabidiol como recurso terapêutico representa um avanço significativo na busca por tratamentos mais humanizados e eficazes, especialmente em cuidados paliativos. No entanto, a atuação do técnico de enfermagem nesse contexto ainda carece de reconhecimento, capacitação e regulamentação específica.

Conclui-se que o técnico de enfermagem possui papel fundamental no acompanhamento e monitoramento do uso do canabidiol, devendo ser valorizado como parte integrante e essencial da equipe multiprofissional. É indispensável investir em educação continuada, protocolos institucionais e pesquisas voltadas à prática da enfermagem com canabinoides, a fim de assegurar a qualidade e a segurança no cuidado prestado.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Resolução de Diretoria Colegiada nº 327, de 9 de dezembro de 2019. Diário Oficial da União, Brasília, 2019.
- FONSECA, A. P.; LIMA, R. M. O uso terapêutico do canabidiol no Brasil: avanços, limites e desafios. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 74, n. 2, p. 1–8, 2021.
- SILVA, J. C.; OLIVEIRA, T. S. A atuação da equipe de enfermagem frente ao tratamento com canabinoides. Cadernos de Saúde e Desenvolvimento, v. 13, n. 1, p. 45–56, 2022.
- SOUZA, L. A.; PEREIRA, M. R. Canabinoides no cuidado paliativo: percepções e práticas dos profissionais de saúde. Revista Saúde em Foco, v. 8, n. 3, p. 77–89, 2021.